

Alguns dos vocabulários mais usados em psicanálise

Objetos transicionais e fenômenos transicionais

*Por Wagner Vidille**

Com certeza, ninguém se lembra mais daquele “ursinho” de pelúcia fofinho, companheiro inseparável dos nossos tempos de infância; ou daquela boneca, de nome esquisito (afinal, não éramos nós que as “batizávamos”?) e da qual não desgrudávamos um minuto sequer; nem mesmo daquele “paninho” surrado, todo esfarrapado, que nossa mãe deixava ali, bem ao nosso lado, no berço, e que sem ele não pegávamos no soninho gostoso, não?

Estes objetos aparentemente insignificantes, que quase todos nós tivemos no passado – e que, conforme íamos crescendo, tomavam um destino não muito edificante, uma vez que eram abandonados embolorando no armário ou descartados, sem nenhuma pompa, na lata de lixo - foram muito importantes para nosso crescimento emocional. E mais: que todos nós carregamos, até hoje, traços destas primeiras possessões, tão importantes na trajetória de nosso desenvolvimento afetivo.

Quem primeiro nos chamou a atenção para estes “objetos especiais” foi um pediatra e psicanalista inglês, lá pelos anos 1950, em Londres, onde trabalhava. Com uma experiência de mais de trinta anos lidando com mães e bebês, Winnicott - este era o seu nome -, observador atento do desenvolvimento de bebês recém-nascidos, encontrou uma ampla variação na sequência de usos que a criança faz ao colocar o punho ou polegar na boca até as etapas mais tardias em que se liga a um ursinho, a uma boneca ou a outro brinquedo macio. Chamou estes objetos de “Objetos Transicionais”.

Winnicott elaborou uma teoria em que estas transformações, além de uma escolha específica por um tipo de objeto (textura, cheiro, etc.), indicavam a capacidade de criação do bebê, elegendo, inventando, imaginando, produzindo um objeto, ou seja, acenando para o início de um tipo afetivo de relação de objeto. Ele introduziu na Psicanálise o termo “transicional” para designar “uma área intermediária da experiência”, uma dimensão em que as realidades interna e externa do bebê se encontram e separam o interior do exterior. O objeto transicional seria, assim, uma espécie de mediador entre mãe e filho, entre mundo interno e mundo externo ou, em outros termos, a área de encontro entre o “eu” e o “não-eu”.

Em relação ao desenvolvimento emocional do bebê, notamos que entre o estágio em que ele depende totalmente de sua mãe (dependência absoluta) indo em direção à dependência relativa (etapa em que o bebê começa a se dar conta da separação existente entre “o si mesmo” e “o que não é ele mesmo”) - neste ponto -, ele passa a constituir os tais “objetos transicionais”, podendo, então, fazer uso da ilusão, uso de símbolos e uso de um objeto.

Sabemos que as próprias mães estimulam o uso do ursinho (ou qualquer outro objeto equivalente), elemento “acalmador”, por assim dizer, portador de “vestígios maternos”, que guarda dela algumas semelhanças: são macios (como a pele da mãe), são muitas vezes desfiados (como os seus cabelos) e nunca devem ser lavados, sob o risco de perderem todos estes atributos maternos. Funcionam como substitutos imaginários da mãe, dando segurança à criança, nos momentos em que, por exemplo, ela tem que se ausentar.

As mães sabem intuitivamente que, com o crescimento, a criança enfrentará grandes ansiedades, que deverão ser ultrapassadas, como as decorrentes da sua própria ausência. É muito importante que a mãe se adapte às necessidades da criança e, durante as primeiras etapas do desenvolvimento, esteja totalmente disponível e dedicada, que avalize o uso destes objetos para que o desenvolvimento saudável da criança se realize; é importante, por exemplo, que os cuidados dedicados à criança sejam efetivos e bem sucedidos, atendendo sempre às necessidades da criança, e que a mãe, constante e disponível, possa inspirar confiança em seu bebê, para que em seu o caminho rumo à independência, a criança possa sempre seguir segura em seu desenvolvimento afetivo.

Se você se interessou pelo tema, procure o texto de Winnicott (1951) que trata amplamente do assunto: “Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais” em *O Brincar & a Realidade* (1971).

* Wagner Vidille é psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.
wvidille@terra.com.br